

A situação só piora se houver recessão nos EUA. Opinião de empresários.



Semler: "O tema ainda é emocional".

Empresários e especialistas em comércio exterior, entre eles o diretor da Cacex, acham que a queda de 22,6% registrada anteontem na Bolsa de Nova York (contra 12,08% em 1929) pode trazer problemas para as exportações e para os juros da nossa dívida externa. Mas isso está condicionado a uma recessão interna no EUA, o que não parece evidente para eles. Ao contrário, eles preferem acreditar — pelo menos por ora — que esse novo **crash** nada tem a ver com o da década de 20, sendo apenas uma acomodação da Bolsa, que tem registrado elevados índices de crescimento nos últimos anos.

"Isso deverá se acalmar um pouco" — disse o presidente da Semco do Brasil e diretor-adjunto do Detec (Departamento de Tecnologia) da Fiesp, Richard Frank Semler. "O tema é ainda emocional", afirmou o coordenador para Assuntos Legislativos da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Ruy Altenfelder. "Há motivos para expectativa, mas ainda é cedo para uma conclusão mais objetiva dos seus efeitos", salientou Michel Alaby, coordenador-geral da Funcex (Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior).

Em outras palavras, todos estão preocupados, mas ponderam que é preciso esperar

que "se corte a causa da emoção" — afirmou Altenfelder, "para ver o que aconteceu". Porque, de certo modo, empresários e técnicos confiam na economia norte-americana, considerada mais complexa e mais sólida que a dos anos 20. "Acredito que a Bolsa de Nova York vá se estabilizar nos patamares de 1985", disse Semler.

No entanto, Alaby e Semler acreditam que um efeito imediato e negativo, para o Brasil, a queda da Bolsa vai ter: um aumento das taxas internacionais de juros. "Que devem ficar na faixa dos 10% a 12%, trazendo, além do aumento dos juros da dívida, alguma instabilidade nos negócios durante alguns meses", disse o presidente da Semco do Brasil.

Na hipótese de a queda na Bolsa de Nova York vir a gerar uma recessão interna nos EUA, as perspectivas de dificuldades para o Brasil se ampliariam: para Alaby e Semler esse fato geraria um maior protecionismo dentro dos EUA, para beneficiar as exportações norte-americanas e tentar equilibrar o déficit comercial daquele país.

"É preciso lembrar que 28%, em média, de nossas exportações e 40% do nosso superávit dependem das importações norte-americanas — disse o coordenador-geral da Funcex, lembrando que Japão e os países

da Europa também sofreriam com isso, "já que o dólar teria que ser desvalorizado ainda mais". Confirmada a hipótese da recessão, a conversão de parte da dívida externa em capital de risco (como quer o Brasil) ficaria prejudicada, pois haveria pouca liquidez no mercado mundial e poderiam surgir boas oportunidades de investimento nas bolsas de Tóquio, Londres e outros. Já o diretor da Carteira de Comércio Exterior (Cacex) do Banco do Brasil, Namir Salek, admitiu que a queda da Bolsa de Valores de Nova York poderá afetar seriamente as exportações brasileiras, se ficar configurado um quadro de recessão norte-americana, com a alta de juros. Ele disse acreditar, no entanto, que o **crash** tenha sido provocado por um ajustamento, porque o preço patrimonial das ações estava muito defasado do preço de mercado devido ao movimento especulativo. "Certamente vai acontecer uma certa mudança de ativos, mas, de maneira geral, os países estão bem e os empregos estão estáveis na Europa", afirmou. Do total das exportações brasileiras, 30% são dirigidas para os Estados Unidos.

Por outro lado, existe um dado positivo, apontado tanto por Semler, como por Alaby: poderia haver mais espaço para renegociação da dívida externa.